

Transferências de renda e o bem-estar psicossocial: evidências de quatro países africanos¹

Ramlatu Attah, Valentina Barca, Andrew Kardan, Ian MacAuslan e Fred Merttens, Oxford Policy Management (OPM)
e Luca Pellerano, Organização Internacional do Trabalho (OIT)

Há um consenso razoável de que o desenvolvimento visa aumentar o bem-estar das pessoas. O bem-estar constitui um objetivo finalístico, diferente de outros indicadores de desenvolvimento, como renda, educação, saúde, etc. No entanto, a maioria das avaliações do impacto das transferências de renda concentra-se, estritamente, nesses indicadores mais simples e relativamente fáceis de mensurar.

Este *One Pager*, visando preencher tal lacuna nas pesquisas, elabora um marco conceitual do “bem-estar psicossocial” e apresenta evidências da sua aplicação aos programas de transferência de renda avaliados pela *Oxford Policy Management* no Quênia (por meio de uma avaliação de impacto de larga escala), Gana, Lesoto e Zimbábue (mediante pesquisa qualitativa e sistemática realizada com a equipe *From Protection to Production*, da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) (ATTAH et al. 2016).

Um quadro conceitual para analisar o bem-estar psicossocial

O marco proposto é uma extensão da abordagem de Bem-estar no Desenvolvimento (*Well-being in Development*), realizada por pesquisadores da Universidade de Bath, que define o bem-estar como um conceito multidimensional, composto por três dimensões integradas: material (o que as pessoas têm ou deixam de ter), relacional (o que as pessoas podem ou não fazer com o que têm) e subjetiva (o que as pessoas pensam ou como se sentem em relação ao que podem ser ou fazer). De acordo com a nossa definição, o bem-estar psicossocial situa-se na interseção entre essas duas últimas dimensões e se refere à interação dinâmica entre processos *sociais/relacionais* e perspectivas *subjetivas/psicológicas*.

Utilizaremos aqui a conceituação de Ryff e Singer (1996), com foco em: autoaceitação; relações positivas com os outros; autonomia; domínio do ambiente; propósito de vida; e crescimento pessoal. Essas seis dimensões afetam e, concomitantemente, são afetadas pelo bem-estar material do indivíduo e por contextos sociais/culturais/políticos. O bem-estar psicossocial é, portanto, um efeito (afinal, um aumento em qualquer uma das seis dimensões é algo positivo) e também um catalisador de outros efeitos positivos (aumentos nessas seis dimensões tendem a gerar melhorias em outras áreas do bem-estar).

Transferências de Renda e o Bem-estar Psicossocial: as evidências

As crianças e a educação

Os resultados do programa da *Hunger Safety Net* (Rede de Segurança contra a Fome) do Quênia mostram um aumento no desempenho da educação. As pesquisas qualitativas demonstram que mais higiene pessoal, melhor vestuário e a capacidade de pagar as mensalidades e outros materiais escolares afetam o nível geral de autoaceitação das crianças afetadas (que aparentam estar mais à vontade e mais confiantes), melhoram as relações com os professores e os colegas de classe (por não serem “expulsos” da escola e estigmatizados), aumentam sua sensação de autonomia e de domínio sobre o seu ambiente, visto que seu desempenho passa a depender apenas do próprio trabalho e disciplina e não é mais limitado pela falta de comida e de materiais escolares, além de lhes conferir um senso de propósito na vida. Esses resultados foram confirmados por uma pesquisa qualitativa no âmbito do Programa de Subvenções para as Crianças (*Child Grant Programme – CGP*) do Lesoto¹ e do Programa Harmonizado de Transferência Social de Renda (*Harmonised Social Cash Transfer Programme – HSCT*) do Zimbábue.

Outros efeitos psicossociais

Nos programas mencionados – e também no *Livelihood Empowerment Against Poverty* (LEAP) em Gana –, as transferências de renda possibilitaram aos beneficiários e aos cuidadores adultos usarem roupas melhores, sentirem-se asseados e apresentáveis em público, ampliando a sensação de valor próprio



e de sociabilidade com outros membros da comunidade. Em Gana havia uma expressão de certeza de que o dinheiro acabaria por chegar, contribuindo para a esperança e as perspectivas de longo prazo em comparação aos não beneficiários, que alegavam que a vida já estava “em declínio”.

Esta renovação da autoestima, aceitação e sensação de esperança possibilita que os beneficiários tenham mais controle de seu destino e mais autonomia, reduzindo, assim, sua dependência de seus familiares. Os beneficiários passaram a ser pessoas financeiramente independentes e a não serem mais vistos como um dreno de recursos escassos. Por exemplo, os beneficiários no Zimbábue afirmam que agora conseguem “caminhar com as próprias pernas”; no Lesoto, os beneficiários também relatam um aumento de autoconfiança, que se reflete no fato de já conseguirem devolver itens emprestados. Ressalta-se, então, o significado relacional e econômico desse processo. Os beneficiários tornaram-se capazes de reconstruir e participar de redes de compartilhamento de risco, o que se evidenciou pelo aumento da participação em grupos religiosos e de poupadores, resultado de uma maior autonomia sobre os recursos financeiros.

Implicações para as Políticas

Os resultados mostram que, embora as intervenções de transferências de renda possam não ter objetivos psicossociais explícitos, elas influenciam as dimensões do bem-estar. Esse fato exige uma integração mais explícita das dimensões psicológicas e relacionais nas teorias de mudança e nas avaliações dos programas. Também demonstram que o bem-estar psicossocial tem o potencial de lograr impactos ainda maiores e mais sustentáveis sobre os resultados “tradicionais” dos programas.

A pesquisa também destacou o aspecto mediador da concepção do programa: as formas como os beneficiários são informados dos objetivos e regras e de seus deveres e direitos, a maneira como são tratados durante os pagamentos ou visitas de monitoramento e a oportunidade que têm de apresentar suas reclamações representam oportunidades de interação social que podem ajudar a gerar o bem-estar psicossocial.

Referências:

- ATTAH, R.; BARCA, V.; KARDAN, A.; MACAUSLAN, I.; MERTTENS, F.; PELLERANO, L. “Can social protection affect psychosocial wellbeing and why does this matter? Lessons from cash transfers in Sub Saharan Africa.” *The Journal of Development Studies* 52(8), 2016.
- OXFORD POLICY MANAGEMENT. *Child Grants Programme Impact Evaluation – Follow-up Impact Report*. Oxford: Oxford Policy Management, 2014.
- RYFF, C.; SINGER, B. “Psychological well-being: Meaning, Measurement, and Implications for Psychotherapy Research.” *Psychotherapy and Psychomatics* 65(1), p. 14-23, 1996.

Nota:

1. É importante ressaltar que o CGP contribuiu para um aumento expressivo de 25,5 pontos percentuais na proporção de alunos que dispunham de uniforme e sapatos para ir à escola (OXFORD GESTÃO DE POLÍTICAS, 2014).

Esta publicação é parte do projeto apoiado pelo Departamento do Reino Unido para o Desenvolvimento Internacional (DFID): “Brasil & África: combatendo a pobreza e empoderando as mulheres por meio da Cooperação Sul-Sul”.